



**PESQUISA DE EMPREGO E
DESEMPREGO NA REGIÃO
DO ABC¹**

PED ABC

**SEADE
DIEESE**

Novembro 2012

OS NEGROS NO MERCADO DE TRABALHO DA REGIÃO DO ABC



**O mercado de trabalho
no biênio 2010-2011**

Dia Nacional da Consciência Negra

1. Compreende os municípios de Diadema, Mauá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra, Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul.

Os dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego podem ser desagregados para análises específicas de determinados segmentos sociais ou econômicos, como a inserção de negros e não negros¹ no mercado de trabalho. Assim, visando contribuir para o debate dessa questão, a Fundação Seade, o Dieese e o Consórcio Intermunicipal Grande ABC apresentam, a seguir, algumas informações sobre esse tema, para a Região do ABC, referentes ao biênio 2010-2011.

Tanto os estudos divulgados nos anos anteriores com base em dados gerados pela PED² como os realizados por outras instituições de pesquisas e análises têm mostrado que, apesar da redução das desigualdades ao longo das últimas décadas, ainda existem diferenças significativas nas condições de trabalho vivenciadas por negros e não negros.

O crescimento econômico da última década contribuiu para o decréscimo dos diferenciais entre as taxas de desemprego total de negros e não negros na Região do ABC (de uma diferença de 6,6 pontos percentuais, no biênio 2001-2002, passou para 3,2 pontos percentuais, em 2010-2011). Apesar disso, persiste a desigualdade nos rendimentos. Considerando-se os rendimentos médios horários, verifica-se que, em 2001-2002, os negros recebiam 61,4% do que ganhavam os não negros, passando para 59,9%, em 2010-2011, ou seja, em vez de diminuir, as diferenças de rendimento tiveram pequeno aumento.

Esse estudo pretende colaborar para a identificação de alguns aspectos geradores dessas diferenças e para a indicação de possibilidades de atuação de políticas públicas que contribuam para a redução das disparidades no mercado de trabalho.

Mercado de trabalho

Em 2010-2011, na Região do ABC, os negros representavam cerca de 30% da População em Idade Ativa (PIA) e uma proporção semelhante a esta na composição da População Economicamente Ativa (PEA) – conjunto de ocupados e desempregados. Já o contingente de desempregados negros encontrava-se sobrerrepresentado (37,3%) nesse período.

1. O segmento de negros é composto por pretos e pardos e o de não negros engloba brancos e amarelos.

2. “Desigualdade entre negros e não negros ainda persiste no mercado de trabalho”, nov. 2008, “Desigualdade entre negros e não negros no mercado de trabalho, no período 2004-2008”, nov. 2009, e “Acesso ao Sistema Público de Emprego, Trabalho e Renda”, nov. 2010, e “Os negros no mercado de trabalho da Região Metropolitana de São Paulo em 2010”, nov. 2011. Disponível em: <www.seade.gov.br>.

A taxa de participação – definida como a proporção da PEA em relação à PIA – correspondia a 63,2% para os negros e 60,9% para os não negros, em 2010-2011, apresentando decréscimo para ambos os segmentos, em relação a 2001-2002.

Nos últimos anos, a taxa de participação de negros e não negros diminuiu mais intensamente em alguns grupos populacionais específicos, como os mais jovens e as pessoas com menor nível de instrução, provavelmente, refletindo o crescimento econômico no período recente – que possibilitou o aumento de postos de trabalho ocupados principalmente por indivíduos da família não tão jovens, enquanto os mais jovens podem permanecer mais tempo se dedicando exclusivamente aos estudos –, as maiores exigências de qualificação por parte dos empregadores e o efeito de políticas públicas sobre a ampliação do nível de educação da população em geral.

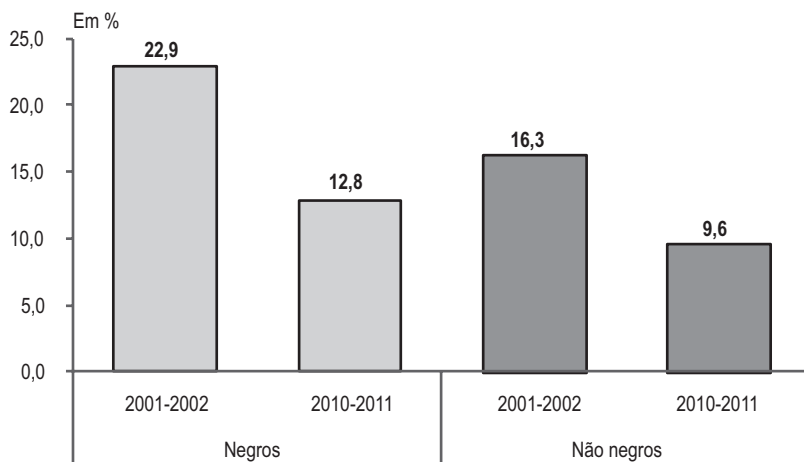
Desemprego

A maior proporção de desempregados entre os negros reflete-se na diferença entre as taxas de desemprego desses dois segmentos (Gráfico 1).

O diferencial das taxas de desemprego entre negros e não negros diminuiu sensivelmente nos últimos anos, embora a do primeiro segmento ainda supere a do segundo, em 2010-2011 (12,8% e 9,6%, respectivamente). Essa diferença, de 3,2 pontos percentuais, era de 6,6 pontos percentuais, em 2001-2002.

A redução da taxa de desemprego, apesar de ter sido generalizada entre os segmentos populacionais analisados, foi mais acentuada entre os negros, diminuindo seus diferenciais em relação aos não negros. As taxas de desemprego de negros e não negros com 25 a 39 anos, com ensino fundamental completo ou mais e chefes de domicílio foram as que mais se aproximaram nos últimos anos.

Gráfico 1
Taxas de desemprego total, por raça/cor
Região do ABC – 2001-2011



Fonte: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT. Consórcio Intermunicipal Grande ABC.

Ocupação

Os diferenciais de inserção no mercado de trabalho entre negros e não negros podem ser mais bem identificados quando se observa a composição dos ocupados nos principais setores de atividade econômica (Gráfico 2).

Responsável por quase metade dos postos de trabalho na região, o setor dos Serviços passou a abrigar 41,7% do total de ocupados negros e 49,3% de não negros, em 2010-2011, após ampliação para ambos os segmentos. A participação de negros também era inferior à dos não negros no Comércio (13,5% e 15,3%, respectivamente) e semelhante na Indústria (27,2% e 27,6%). Os setores em que a proporção de negros superava a de não negros – Construção Civil (8,2% e 3,6%, respectivamente) e Serviços Domésticos (9,0% e 3,9%) – são aqueles em que predominam postos de trabalho com menores exigências de qualificação profissional, remunerações mais baixas e relações de trabalho mais precárias, sendo, por consequência, menos valorizados socialmente.

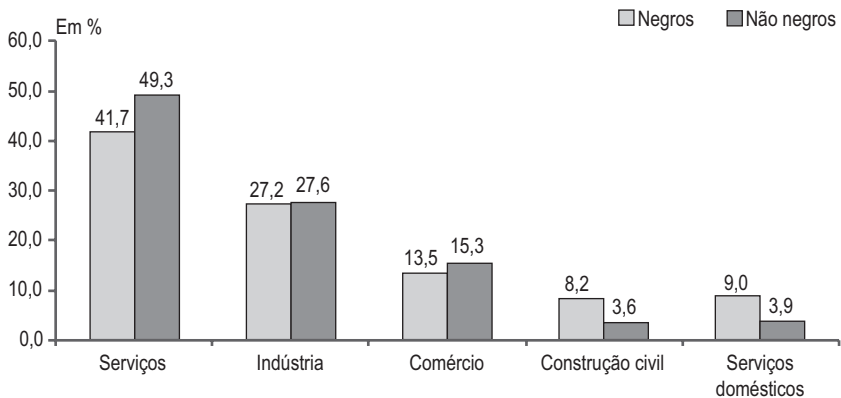
Além dos Serviços, a proporção de negros ocupados aumentou na Indústria e na Construção Civil, entre 2001-2002 e 2010-2011. Entre os não negros, houve aumento apenas nos Serviços.

Pela ótica da posição na ocupação, assalariados negros alcançaram a mesma participação dos não negros no setor privado (63,9%), em 2010-2011. Neste segmento, os assalariados negros com registro em carteira estão ligeiramente menos representados do que os não negros (54,4% e 54,7%, respectivamente), invertendo-se essa relação nas ocupações que, em geral, não são regulamentadas e cujos rendimentos são menores: assalariados sem carteira de trabalho assinada no setor privado (9,5% negros e 9,1% não negros); trabalhadores autônomos (16,9% e 14,0%, respectivamente); e, principalmente, trabalhadores domésticos (9,0% e 3,9%, respectivamente) (Tabela 1).

Nos últimos anos, aumentou a participação de ocupados negros como assalariados com carteira de trabalho assinada, enquanto nas outras formas de ocupação reduziu-se ou permaneceu praticamente estável.

Gráfico 2

Distribuição dos ocupados, por setores de atividade, segundo raça/cor
Região do ABC – 2010-2011



Fonte: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT. Consórcio Intermunicipal Grande ABC.

Nota-se distância considerável entre as participações de negros e não negros assalariados no setor público: enquanto 8,9% do total de ocupados não negros estavam empregados no setor público, a proporção de negros era de 5,9%. A explicação para essa diferença possivelmente tem origem no fato de cerca de metade dos assalariados no setor público possuir nível de escolaridade superior. Essa característica, associada ao fato de o ingresso no setor

Tabela 1

Distribuição dos ocupados, por raça/cor, segundo posição na ocupação
Região do ABC – 2010-2011

Posição na ocupação	Total	Negros	Em porcentagem
			Não negros
Total de ocupados	100,0	100,0	100,0
Total de assalariados (1)	71,9	69,8	72,8
Setor privado	63,9	63,9	63,9
Com carteira	54,6	54,4	54,7
Sem carteira	9,3	9,5	9,1
Setor público	8,0	5,9	8,9
Autônomos	14,9	16,9	14,0
Empregados domésticos	5,4	9,0	3,9
Demais posições (2)	7,9	4,2	9,4

Fonte: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT. Consórcio Intermunicipal Grande ABC.

(1) Inclui os assalariados que não sabem a qual setor pertencem.

(2) Incluem empregadores, profissionais universitários autônomos, donos de negócio familiar, etc.

público ocorrer principalmente por meio de concursos, permite inferir que a sub-representação de negros nesse setor deve-se muito mais às suas históricas dificuldades de acesso aos níveis mais elevados de ensino do que a eventuais ações discriminatórias de que possam ser vítimas.

No agregado demais posições – que reúne empregadores, profissionais universitários autônomos, donos de negócios familiares, entre outros –, é ainda mais forte a diferença entre a participação de não negros (9,4%) e negros (4,2%). Neste caso, dispor de riqueza acumulada que permita montar um negócio ou possuir nível superior de escolaridade provavelmente são fatores que explicam a exclusão de grande parte dos negros. Em outras palavras, a

persistência de elementos históricos, mais do que qualquer outro fator, justifica a desigualdade presente.

Explicação semelhante pode ser adotada para a expressiva sobrerrepresentação de negros como empregados domésticos. Esse segmento compõe-se de ocupações cujos requisitos de qualificação profissional dependem menos da formação escolar do que da experiência de trabalho. Estudos recentes da Fundação Seade e do Dieese, com base nos dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED na Região do ABC, constataram que o emprego doméstico tem sido exercido predominantemente por mulheres negras, com idade mais avançada e baixo nível de escolaridade.

Rendimentos do trabalho

As informações sobre os rendimentos do trabalho de negros e não negros na Região do ABC em 2010-2011 demonstram a permanência de desigualdades há muito tempo identificadas no mercado de trabalho.

As razões mais evidentes dessa desigualdade, em que o rendimento médio por hora³ de negros (R\$ 6,35) representa 59,9% daquele dos não negros (R\$ 10,60), em 2010-2011, residem nas diferentes estruturas ocupacionais em que esses segmentos estão inseridos, conforme anteriormente descritas. Além de patamares muito distantes, o crescimento menor do rendimento por hora dos negros (3,0%) em relação ao dos não negros (5,5%), entre 2001-2002 e 2010-2011, intensificou em alguns segmentos essas diferenças.

As maiores desigualdades de rendimentos por raça/cor continuam sendo verificadas nos setores em que a proporção de não negros supera a de negros e cujos rendimentos médios são mais elevados, geralmente em setores em que a estrutura produtiva é mais diversificada e com segmentos de uso intensivo de capital, fatores que requerem maiores qualificações dos trabalhadores. Assim, nos Serviços e na Indústria, os negros recebiam, respectivamente, 59,2% e 58,0% dos rendimentos por hora dos não negros, diferença que se reduz no Comércio (66,4%) e que é muito pequena nos Serviços Domésticos (94,7%) (Tabela 2).

3. Os dados de rendimentos são analisados por hora com o objetivo de eliminar problemas de comparação devido a diferenciais de jornada de trabalho entre homens e mulheres, raça/cor e setores e ocupações específicas.

Tabela 2

Rendimento médio real por hora (1) dos ocupados (2) no trabalho principal, por raça/cor e sexo, segundo setores de atividade
Região do ABC – 2010-2011

Em reais de junho de 2012

Setores de atividade	Total geral	Negros			Não Negros		
		Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens
Total (3)	9,29	6,35	5,21	7,28	10,60	8,54	12,14
Indústria	11,15	7,42	-(4)	8,32	12,80	9,39	14,06
Comércio	6,90	5,05	-(4)	-(4)	7,61	6,18	8,82
Serviços	9,76	6,52	5,76	7,30	11,02	9,71	12,26
Construção civil	7,64	-(4)	-(4)	-(4)	-(4)	-(4)	-(4)
Serviços domésticos	4,63	4,50	4,49	-(4)	4,75	4,74	-(4)

Fonte: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT. Consórcio Intermunicipal Grande ABC.

(1) Inflator utilizado: ICV do Dieese.

(2) Exclui os assalariados e os empregados domésticos mensalistas que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os empregados que receberam exclusivamente em espécie ou benefício.

(3) Inclui os demais setores de atividade.

(4) A amostra não comporta a desagregação para essa categoria.

A mesma lógica, em que os diferenciais de rendimentos são maiores quando os valores monetários são mais elevados, é percebida na análise por posição na ocupação. Destacam-se o rendimento médio real por hora dos assalariados com carteira de trabalho assinada no setor privado, que equivalia a 63,8% do rendimento dos não negros, e o dos trabalhadores domésticos, que correspondia a 94,7%, em 2010-2011 (Tabela 3).

Os diferenciais de rendimentos por raça/cor associados àqueles referentes ao sexo são reveladores das desigualdades que ainda permanecem no mercado de trabalho da região, mesmo com as suaves melhorias ocorridas para as mulheres, entre 2001-2002 e 2010-2011, conforme Gráfico 3.

Tabela 3

Rendimento médio real por hora (1) dos ocupados (2) no trabalho principal,
por raça/cor e sexo, segundo posição na ocupação
Região do ABC – 2010-2011

Em reais de junho de 2012

Posição na ocupação	Total geral	Negros			Não Negros		
		Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens
Total de ocupados	9,29	6,35	5,21	7,28	10,60	8,54	12,14
Total de assalariados (3)	9,40	6,58	5,57	7,25	10,62	8,95	11,80
Setor privado	8,85	6,35	5,15	7,06	9,96	7,88	11,28
Com carteira	9,25	6,64	5,35	7,40	10,41	8,25	11,78
Sem carteira	6,32	-(5)	-(5)	-(5)	7,16	-(5)	8,17
Setor público	14,63	-(5)	-(5)	-(5)	16,24	14,68	-(5)
Autônomos	7,82	5,65	-(5)	-(5)	8,92	6,24	10,51
Empregados domésticos	4,63	4,50	4,49	-(5)	4,75	4,74	-(5)
Demais posições (4)	16,16	-(5)	-(5)	-(5)	17,20	-(5)	-(5)

Fonte: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT. Consórcio Intermunicipal Grande ABC.

(1) Inflator utilizado: ICV do Dieese.

(2) Exclui os assalariados e os empregados domésticos mensalistas que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os empregados que receberam exclusivamente em espécie ou benefício.

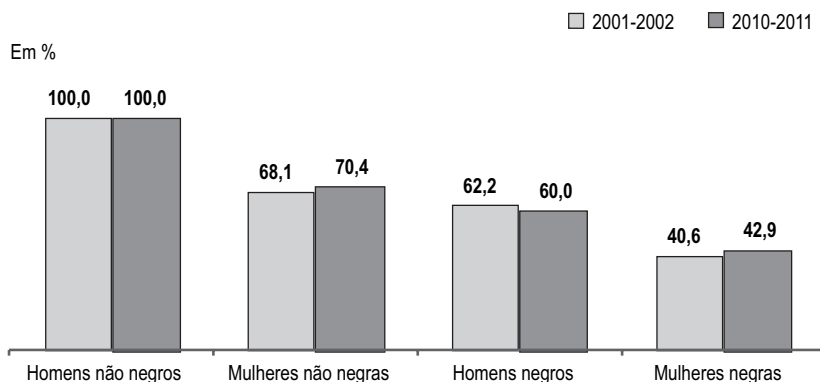
(3) Inclui os assalariados que não sabem a qual setor pertencem.

(4) Incluem empregadores, profissionais universitários autônomos, donos de negócio familiar, etc.

(5) A amostra não comporta a desagregação para essa categoria.

Gráfico 3

Proporção dos rendimentos médios reais por hora (1) dos ocupados (2), por raça/cor e sexo, em relação aos rendimentos médios reais por hora dos homens não negros
Região do ABC – 2001-2011



Fonte: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT. Consórcio Intermunicipal Grande ABC.

(1) Inflator utilizado: ICV do Dieese.

(2) Excluídos os assalariados e os empregados domésticos mensalistas que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os empregados que receberam exclusivamente em espécie ou benefício.

O crescimento da economia nos últimos anos e seus reflexos positivos no mercado de trabalho da região contribuíram para a melhoria geral desse mercado, para negros e não negros. Como visto, alguns sinais dessas melhorias entre os negros manifestaram-se no decréscimo mais intenso da sua taxa de desemprego, no aumento da proporção de ocupados nos Serviços e na Indústria, na expansão de formas regulamentadas das relações de trabalho, que garantem acesso aos direitos trabalhistas e previdenciários, bem como no decréscimo daquelas que, em geral, não são regulamentadas. Não obstante esses movimentos, ainda persistem desigualdades e depreende-se que o crescimento econômico por si só não é capaz de garantir igualdade de oportunidades em um horizonte razoável de tempo para as atuais e futuras gerações de trabalhadores enquanto não se atenuarem as discrepâncias socioeconômicas e, mais especificamente, do nível de escolaridade. Este é um dos principais elementos na melhoria de acesso e da trajetória dos indivíduos no mercado de trabalho, em que as possibilidades de movimentos de ascensão social e econômica são maiores.



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional

SEADE

Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados

Av. Cásper Líbero 478 CEP 01033-000 São Paulo SP

Fone (11) 3324.7200 Fax (11) 3324.7324

www.seade.gov.br / sicseade@seade.gov.br / ouvidoria@seade.gov.br

DIEESE

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS

Rua Ministro Godói 310 CEP 05001-900 São Paulo SP

Fone (11) 3874.5366 Fax (11) 3874.5291

www.dieese.org.br / en@dieese.org.br



Consórcio Intermunicipal Grande ABC

Av. Ramiro Colleoni 5 CEP 09040-160 Santo André SP

Fone (11) 4435.3555

www.consortioabc.sp.gov.br / contato@consortioabc.sp.gov.br

Apoio: Ministério do Trabalho e Emprego – MTE. Fundo de Amparo ao Trabalhador – FAT.
Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho – Sert.